

HISTORY OF TRANSLATION / HISTÓRIA DA TRADUÇÃO



SAMUEL JOHNSON

GUSTAVO ALTHOFF, MAURI FURLAN (TRADUTORES)

Samuel Johnson (1709-1784) foi um intelectual multifário cuja fama atravessou os séculos após a publicação de seu monumental e pioneiro *Dictionary of the English Language*, de 1755, uma das grandes conquistas da cultura de língua inglesa, obra de referência compulsória por mais de um século até a publicação do imenso *Oxford English Dictionary* a partir de 1888.

Em meio e após a produção de seu famoso dicionário, o lexicógrafo e crítico dispensou suas opiniões sobre assuntos de erudição em mais de uma coleção de ensaios, dentre elas *The Rambler* (1750–1752) e *The Idler* (1758–1760). Nesta última, propôs argutas observações sobre a tradução, condensadas no curto ensaio *History of translation*, originalmente publicado em duas partes, em 04 e 11 de agosto de 1759, e aqui em tradução ao português do Brasil.

Nesse ensaio, Johnson reúne fragmentos da história da tradução e os expõe cronologicamente, mesclando a eles os seus juízos sobre o estado da atividade em cada época. Começa pelos Gregos, passa pelos Romanos, trata dos Árabes, informa o estado de confusão propiciado pelos bárbaros, descreve o humor da Idade Média e aponta a luz que a sucedeu, até a tradução chegar a Inglaterra, assunto da segunda metade do ensaio. Rajadas curtas de crônica histórica interpostas por juízos de valor a culminar, ao fim, numa visão da tradução não tão estranha aos artistas que a ela se dedicam ainda hoje.

History of translation

The Idler 68 (1759)

Among the studies which have exercised the ingenious and the learned for more than three centuries, none has been more diligently or more successfully cultivated than the art of translation; by which the impediments which bar the way to science are, in some measure, removed, and the multiplicity of languages become less incommodious.

Of every other kind of writing the ancients have left us models which all succeeding ages have laboured to imitate; but translation may justly be claimed by the moderns as their own. In the first ages of the world instruction was commonly oral, and learning traditional, and what was not written could not be translated. When alphabetical writing made the conveyance of opinions and the transmission of events more easy and certain, literature did not flourish in more than one country at once, or distant nations had little commerce with each other; and those few whom curiosity sent abroad in quest of improvement delivered their acquisitions in their own manner, desirous, perhaps, to be considered as the inventors of that which they had learned from others.

The Greeks for a time travelled into Egypt, but they translated no books from the Egyptian language; and when the Macedonians had overthrown the empire of Persia, the countries that became subject to Grecian dominion studied only the Grecian literature. The books of the conquered nations, if they had any among them, sunk into oblivion; Greece considered herself as the mistress, if not as the parent of arts, her

História da tradução

The Idler 68 (1759)

Dentre as atividades a que os intelectuais e eruditos se dedicaram por mais de três séculos, nenhuma foi cultivada com mais diligência ou sucesso do que a arte da tradução, pela qual os impedimentos que obstruem o caminho para a ciência são, em alguma medida, postos de lado e a multiplicidade das línguas se torna menos incômoda.

De quase todos os tipos de escritos, os antigos nos deixaram modelos que todas as eras subsequentes se esforçaram por imitar; mas a tradução, com justiça, pode ser reivindicada pelos modernos como sua. Nos primórdios da civilização, a instrução era comumente oral e o saber tradicional, e o que não estava escrito não podia ser traduzido. Quando a escrita alfabética tornou a transmissão de opiniões e a comunicação de eventos mais fácil e exata, a literatura não floresceu em mais de um país de uma só vez, ou então nações distantes faziam pouco intercâmbio entre si; e aquelas poucas que a curiosidade enviou ao exterior em busca de refinamento deram expressão as suas aquisições de sua própria maneira, desejosas, talvez, de serem consideradas as inventoras daquilo que aprenderam com outrem.

Os gregos foram ao Egito durante um tempo, mas não traduziram nenhum livro da língua egípcia; e quando os macedônios derrocaram o Império Persa, os países sujeitados ao domínio grego passaram a estudar somente a literatura grega. Os livros das nações conquistadas – se é que possuíam algum – perderam-se no esquecimento; a Grécia se considerava a mestra, se não a progenitora, das artes; sua

language contained all that was supposed to be known, and, except the sacred writings of the Old Testament, I know not that the library of Alexandria adopted anything from a foreign tongue.

The Romans confessed themselves the scholars [students] of the Greeks, and do not appear to have expected what has since happened, that the ignorance of succeeding ages would prefer them to their teachers. Every man who in Rome aspired to the praise of literature thought it necessary to learn Greek, and had no need of versions when they could study the originals. Translation, however, was not wholly neglected. Dramatic poems could be understood by the people in no language but their own, and the Romans were sometimes entertained with the tragedies of Euripides and the comedies of Menander. Other works were sometimes attempted; in an old scholiast there is mention of a Latin *Iliad*; and we have not wholly lost Tully's version of the poem of Aratus; but it does not appear that any man grew eminent by interpreting another, and perhaps it was more frequent to translate for exercise or amusement than for fame.

The Arabs were the first nation who felt the ardour of translation: when they had subdued the eastern provinces of the Greek empire, they found their captives wiser than themselves, and made haste to relieve their wants by imparted knowledge. They discovered that many might grow wise by the labour of a few, and that improvements might be made with speed, when they had the knowledge of former ages in their own language. They, therefore, made haste to lay hold on medicine and philosophy, and turned their chief authors into Arabic. Whether they attempted the poets is not

língua continha tudo o que se devia conhecer, e com exceção dos escritos sagrados do Velho Testamento, desconheço se a biblioteca de Alexandria guardava alguma obra em língua estrangeira.

Os romanos se confessavam estudiosos [alunos] dos gregos, e não parece que esperassem pelo que ocorreu desde então, que a ignorância de eras subsequentes os preferiria a seus mestres. Em Roma, todo homem que aspirasse ao louvor da literatura julgava necessário aprender o grego, e não tinha necessidade de versões quando podia estudar os originais. A tradução, no entanto, não foi de todo negligenciada. Os poemas dramáticos só podiam ser compreendidos pelo povo em sua própria língua, e por vezes eram os romanos entretidos com as tragédias de Eurípedes e as comédias de Menander. Noutras ocasiões, buscou-se traduzir outras obras; num antigo escoliasta há a menção de uma *Ilíada* latina, e não se perdeu inteiramente a versão de Cícero do poema de Arato; mas não parece que nenhum homem tenha se tornado eminente por haver interpretado um outro, e talvez traduzir como exercício ou passatempo fosse mais frequente do que para atingir a fama.

Os árabes foram a primeira nação a sentir o ardor da tradução: quando subjugaram as províncias orientais do império grego, perceberam que seus cativos eram mais sábios do que eles mesmos, e se apressaram em mitigar suas deficiências através do empréstimo do conhecimento. Perceberam que muitos podem se tornar cultos por meio do trabalho de poucos, e que progressos poderiam ser alcançados com rapidez quando tivessem o conhecimento de eras passadas vertido em sua própria língua. Portanto, apressaram-se em se apoderar da

known; their literary zeal was vehement, but it was short, and probably expired before they had time to add the arts of elegance to those of necessity.

The study of ancient literature was interrupted in Europe by the irruption of the Northern nations, who subverted the Roman empire, and erected new kingdoms with new languages. It is not strange that such confusion should suspend literary attention; those who lost, and those who gained dominion, had immediate difficulties to encounter, and immediate miseries to redress, and had little leisure, amidst the violence of war, the trepidation of flight, the distresses of forced migration, or the tumults of unsettled conquest, to inquire after speculative truth, to enjoy the amusement of imaginary adventures, to know the history of former ages, or study the events of any other lives. But no sooner had this chaos of dominion sunk into order, than learning began again to flourish in the calm of peace. When life and possessions were secure, convenience and enjoyment were soon sought, learning was found the highest gratification of the mind, and translation became one of the means by which it was imparted.

At last, by a concurrence of many causes, the European world was roused from its lethargy; those arts which had been long obscurely studied in the gloom of monasteries became the general favourites of mankind; every nation vied with its neighbour for the prize of learning; the epidemical emulation spread from south to north, and curiosity and translation found their way to Britain.

medicina e da filosofia, e verteram os maiores autores gregos para o árabe. Se buscaram traduzir os poetas, não se sabe; seu zelo literário foi veemente, mas curto, e provavelmente se extinguiu antes que tivessem tempo de adicionar as artes da elegância às da necessidade.

Na Europa, o estudo da literatura antiga foi interrompido pela irrupção das nações do Norte, que derrocaram o Império Romano e erigiram novos reinos com novas línguas. Não é de estranhar que tal confusão tenha interrompido a atenção dada à literatura; tanto aqueles que perderam como aqueles que conquistaram o poder tiveram dificuldades imediatas com as quais se defrontar, e desgraças que reparar, e pouco ócio em meio à violência da guerra, à perturbação da fuga, às aflições da migração forçada, ou aos tumultos das conquistas em disputa para se indagarem por verdades especulativas, desfrutarem do passatempo de aventuras imaginárias, conhecerem a história de eras passadas, ou estudarem os eventos das vidas de outrem. Mas tão logo esse caos de poder se transformou em ordem, o saber voltou a florescer na calma da paz. Quando a vida e as posses se viram seguras, o bem-estar e o prazer logo foram perseguidos; o saber tornou-se a mais elevada gratificação da mente, e a tradução se tornou um dos meios pelos quais ele era partilhado.

Ao fim, por concorrência de diversas causas, o mundo Europeu acordou de sua letargia; aquelas artes que por muito tempo foram obscuramente estudadas na obumbrção dos mostérios se tornaram as favoritas de toda a humanidade; cada nação passou a rivalizar com sua vizinha pelas recompensas do saber. A emulação se espalhou como epidemia do sul ao norte, e o refinamento e a tradução aportaram na Grã-Bretanha.

The Idler 69 (1759)

He that reviews the progress of English literature will find that translation was very early cultivated among us, but that some principles, either wholly erroneous or too far extended, hindered our success from being always equal to our diligence.

Chaucer, who is generally considered as the father of our poetry, has left a version of Boethius on the *Comforts of Philosophy*, the book which seems to have been the favourite of the middle ages, which had been translated into Saxon by King Alfred, and illustrated with a copious comment ascribed to Aquinas. It may be supposed that Chaucer would apply more than common attention to an author of so much celebrity, yet he has attempted nothing higher than a version strictly literal, and has degraded the poetical parts to prose, that the constraint of versification might not obstruct his zeal for fidelity.

Caxton taught us typography about the year 1474. The first book printed in English was a translation. Caxton was both the translator and printer of *the Destruction of Troye* [by Raoul Lefevre], a book which, in that infancy of learning, was considered as the best account of the fabulous ages, and which, though now driven out of notice by authors of no greater use or value, still continued to be read in Caxton's English to the beginning of the present century.

Caxton proceeded as he began, and, except the poems of Gower and Chaucer, printed nothing but translations from the French, in which the original is so scrupulously followed that they afford us little knowledge of our own language: though the words are English, the phrase is

The Idler 69 (1759)

Aquele que investigar o progresso da literatura inglesa verá que a tradução foi cultivada entre nós desde muito cedo, mas que alguns princípios, quer totalmente errôneos, quer demasiadamente alargados, impediram que nosso sucesso fosse sempre igual a nossa diligência.

Chaucer, comumente considerado o pai de nossa poesia, deixou-nos uma versão de *A Consolação da Filosofia* de Boécio, livro que parece ter sido o favorito da Idade Média, traduzido para o anglo-saxão pelo Rei Alfredo e ilustrado junto de um copioso comentário atribuído a Tomás de Aquino. Poder-se-ia supor que Chaucer tivesse dado mais do que pouca atenção a um autor de tamanha celebridade, porém não produziu nada mais elevado do que uma versão estritamente literal, e degradou as partes poéticas para prosa, de modo que as restrições da versificação não obstruíssem seu zelo pela fidelidade.

Caxton nos ensinou a usar a tipografia por volta de 1474 e o primeiro livro impresso em inglês foi uma tradução. Caxton foi tanto o tradutor como o impressor da *Coleção de Histórias de Troia* [de Raoul Lefèvre], um livro que, naquela infância do saber, era considerado o melhor relato das eras fabulosas, e que, embora ofuscado das atenções do público por autores de utilidade ou valor não muito mais elevados, continuou a ser lido no inglês de Caxton até o começo do presente século.

Caxton prosseguiu como começou, e, com exceção dos poemas de Gower e de Chaucer, não imprimiu nada mais senão traduções do francês, em que o original é tão escrupulosamente seguido que mal nos dá conhecimento de nossa própria língua: embora as palavras estejam em inglês, a

foreign.

As learning advanced, new works were adopted into our language, but I think with little improvement of the art of translation, though foreign nations and other languages offered us models of a better method; till in the age of Elizabeth we began to find that greater liberty was necessary to elegance, and that elegance was necessary to general reception; some essays were then made upon the Italian poets, which deserve the praise and gratitude of posterity. But the old practice was not suddenly forsaken: Holland filled the nation with literal translation; and, what is yet more strange, the same exactness was obstinately practised in the versions of the poets. This absurd labour of construing into rhyme was countenanced by Jonson in his version of Horace; and whether it be that more men have learning than genius, or that the endeavours of that time were more directed towards knowledge than delight, the accuracy of Jonson found more imitators than the elegance of Fairfax; and May, Sandys and Holliday confined themselves to the toil of rendering line for line, not indeed with equal felicity, for May and Sandys were poets, and Holliday only a scholar and a critic.

Felltham appears to consider it as the established law of poetical translation that the lines should be neither more nor fewer than those of the original; and so long had this prejudice prevailed that Denham 2 praises Fanshaw's version of Guarini as the example of a new and noble way, as the first attempt to break the boundaries of custom, and assert the natural freedom of the Muse.

expressão é estrangeira.

Com o avanço do saber, novas obras foram adotadas em nossa língua, mas, creio, com pouca melhora na arte da tradução, apesar de nações estrangeiras e outras línguas nos oferecerem modelos de um melhor método [de tradução]; até que, na era de Isabel, começamos a crer que uma maior liberdade era necessária para alcançar a elegância, e que a elegância era necessária para uma boa recepção das obras; algumas experiências foram feitas com os poetas italianos, que merecem o louvor e a gratidão da posteridade. Mas a velha prática não foi repentinamente abandonada: Holland abarrotou a nação de traduções literais; e, o que é ainda mais estranho, a mesma exatidão foi obstinadamente perseguida nas versões dos poetas. Este trabalho absurdo de compor os textos em rima foi sancionado por Jonson em sua versão de Horácio; e se é verdade que existem mais homens de saber do que de gênio, ou que os esforços daquela época estavam mais direcionados ao conhecimento do que ao deleite, a meticulosidade de Jonson encontrou mais imitadores do que a elegância de Fairfax; e May, Sandys e Holliday se restringiram à lida de verter linha por linha, não com a mesma felicidade, pois May e Sandys eram poetas, e Holliday meramente um estudioso e um crítico.

Felltham parece considerar como lei estabelecida da tradução poética que não se deve redigir nem mais, nem menos linhas do que possui o original; e foi prevalente por tanto tempo tal preconceito que Denham exalta a versão de Guarini produzida por Fanshaw como exemplar de uma nova e nobre maneira de traduzir, como a primeira experiência a romper as fronteiras do hábito e a assegurar a liberdade natural da musa.

In the general emulation of wit and genius which the festivity of the Restoration produced, the poets shook off their constraint, and considered translation as no longer confined to servile closeness. But reformation is seldom the work of pure virtue or unassisted reason. Translation was improved more by accident than conviction. The writers of the foregoing age had at least learning equal to their genius; and, being often more able to explain the sentiments or illustrate the allusions of the ancients, than to exhibit their graces and transfuse their spirit, were, perhaps, willing sometimes to conceal their want of poetry by profusion of literature, and, therefore, translated literally, that their fidelity might shelter their insipidity or harshness. The wits of Charles's time³ had seldom more than slight and superficial views; and their care was to hide their want of learning behind the colours of a gay imagination; they, therefore, translated always with freedom, sometimes with licentiousness, and, perhaps, expected that their readers should accept sprightliness for knowledge, and consider ignorance and mistake as the impatience and negligence of a mind too rapid to stop at difficulties, and too elevated to descend to minuteness.

Thus was translation made more easy to the writer, and more delightful to the reader; and there is no wonder if ease and pleasure have found their advocates. The paraphrastic liberties have been almost universally admitted; and Sherbourne, whose learning was eminent, and who had no need of any excuse to pass slightly over obscurities, is the only writer who, in later

Na emulação universal do engenho e do gênio que o júbilo da Restauração produziu, os poetas se desvencilharam de suas amarras e passaram a considerar a tradução não mais como confinada a uma proximidade servil. Mas a reforma raramente é obra da virtude pura ou da razão desassistida. A tradução foi aperfeiçoada mais por acidente do que por convicção. Os escritores da era anterior tinham ao menos um saber igual ao seu gênio; e, sendo frequentemente mais capazes de explicar as opiniões ou de ilustrar as alusões dos antigos do que de expor seus encantos e transfundir seu espírito, estavam, talvez, dispostos a ocultar suas deficiências poéticas por meio de uma profusão de literatura, e, portanto, traduziam literalmente, de modo que sua fidelidade pudesse encobrir sua insipidez ou aridez. As lições de sabedoria da era de Carlos raramente continham mais do que pontos de vista rasteiros e superficiais; e seu cuidado era o de esconder sua deficiência de saber por trás das cores de uma imaginação alegre; seus tradutores, portanto, sempre vertiam com liberdade, por vezes com licenciosidade, e, talvez, tinham a expectativa de que seus leitores devessem tomar o que era vivacidade por conhecimento, e considerar a ignorância e o erro como a impaciência e a negligência de uma mente demasiado apressada para se deter diante de dificuldades, e demasiado elevada para descer às minúcias.

Assim, a tradução ficou mais fácil para o escritor e mais agradável para o leitor; e não é de espantar que a facilidade e o prazer tenham encontrado seus defensores. As liberdades parafrásticas têm sido quase universalmente aceitas; e Sherbourne, cujo saber era eminente, e que não precisava de nenhuma desculpa para passar de leve por cima de obscuridades, é

times, has attempted to justify or revive the ancient severity.

There is undoubtedly a mean to be observed. Dryden saw very early that closeness best preserved an author's sense, and that freedom best exhibited his spirit; he, therefore, will deserve the highest praise, who can give a representation at once faithful and pleasing, who can convey the same thoughts with the same graces, and who, when he translates, changes nothing but the language.

o único escritor que, mais tarde, buscou justificar ou reviver a antiga severidade.

Indubitavelmente, há um meio-termo a ser observado. Dryden percebeu desde muito cedo que a proximidade [ao original] preservava melhor a convicção de um autor, e que a liberdade exprimia melhor o seu espírito; portanto, merecerá o mais elevado louvor aquele que conseguir oferecer uma representação ao mesmo tempo fiel e agradável, que conseguir transmitir os mesmos pensamentos com os mesmos encantos, e que, quando traduzir, não mude nada a não ser a língua.

Tradutores:

Gustavo Althoff

gualthoff@gmail.com

Doutor em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina

Mauri Furlan

maurizius@gmail.com

Prof. Dr., Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: JOHNSON, Samuel. History of translation, in The Idler, n. 68, 04/08/1759.

<http://www.johnsonessays.com/the-idler/68-history-translation/>

History of translation, in The Idler, n. 69, 11/08/1759.

<http://www.johnsonessays.com/the-idler/69-history-translation/>